

INSTITUTO DE CULTURA E ESCOLA DE
HOMEOPATIA
MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DO CURSO
ESPECIALIZAÇÃO EM HOMEOPATIA



BENOÎT-JULES MURE
NO BRASIL: 1840 - 1848

ALUNO

MÁRIO FLÁVIO PEZENATTO DINIZ

ORIENTADOR

PEDRO OZI

2008

Este trabalho não seria possível sem a dedicação e competência de Renata Rodrigues de Menezes, bibliotecária da Biblioteca da Associação Paulista de Homeopatia, meus agradecimentos pelo auxílio durante a pesquisa das fontes bibliográficas, também não seria possível sem o prestativa ajuda de Gustavo Antonio Kerdahi Mattar, consultor de informática, obrigado pela ajuda na diagramação das figuras e elaboração da capa.

Ao meu estimado orientador Pedro Ozi, dedico as seguintes palavras: “o verdadeiro mestre, não é aquele que perante os alunos, demonstra o que ele é capaz de fazer, mas, aquele que perante os alunos, demonstra que aquilo que ele faz, os alunos também são capazes de fazer”.
Pedro: obrigado por ... tudo.

Dedico esse trabalho a meus queridos familiares Sílvia e Marcéu, pela compreensão pelas horas de convívio subtraídas na sua elaboração.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1ª PARTE: A COLÔNIA DO SAÍ	8
CHEGADA	8
PRIMEIROS TRANSTORNOS	10
ESCOLA DE HOMEOPATIA DO SAÍ	13
2ª PARTE: A PROPAGANDA HOMEOPÁTICA	14
INÍCIO DA PROPAGANDA	14
INSTITUTO HOMEOPÁTICO DO BRASIL	15
BRAÇO DIREITO DE MURE	16
PROGRESSOS NA PROPAGANDA	17
ESCOLA DE HOMEOPATIA DO BRASIL	18
PATOGENESIA BRASILEIRA	19
OBRAS PARA LEIGOS	20
PLANO DE SAÚDE PARA ESCRAVOS	21
3ª PARTE: AS QUERELAS HOMEOPÁTICAS	23
POLÊMICAS COM OS ALOPATAS	23
CONVITE PARA EXPERIÊNCIA	24
FÁBRICA HOMEOPÁTICA DE MÉDICOS	25
ACUSAÇÃO DE ENVENENAMENTO	25
FALECIMENTO DO PRÍNCIPE	26
PATERNIDADE HOMEOPÁTICA	27
CIZÂNIA HOMEOPÁTICA	28
ACADEMIA MÉDICA HOMEOPÁTICA	28
SENHOR PROENÇA: SALVO POR UM GATO	29
1848: ACIRRAMENTO DOS ATAQUES	30
MURE DESCOBERTO AO PÚBLICO	31
CONVITE A SE RETIRAR	32
PEDIDO DE EXONERAÇÃO	33
DESPEDIDA	34
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1	PÁGINA 7
MÁQUINA DE DINAMIZAÇÃO IDEALIZADA POR MURE	
FIGURA 2	PÁGINA 13
PROJETO DA COMUNIDADE FALANSTERIANA DO SAÍ	
FIGURA 3	PÁGINA 17
ANÚNCIO DO CONSULTÓRIO DA RUA SÃO JOSÉ, Nº. 59	
FIGURA 4	PÁGINA 20
FRONTISPÍCIO DA OBRA “HOMEOPATIA PELO DR. MURE”	
FIGURA 5	PÁGINA 22
FIGURAS DE HAHNEMANN, MURE E MARTINS	
FIGURA 6	PÁGINA 23
CARICATURA “HOMEOPATAS VERSUS ALOPATAS”	
FIGURA 7.....	PÁGINA 36
FRONTISPÍCIO DA OBRA “PATOGENESIA BRASILEIRA” DE MURE	

INTRODUÇÃO

Assim como em outros lugares por onde Benoit Mure andou, sua passagem pelo Brasil é repleta de acontecimentos extraordinários, com direito à fuga de navio, disputas entre colonos, acusação de envenenamento, entre outras aventuras, dignas de um roteiro cinematográfico.

Não faltam também muitas polêmicas, tais como: o que teria concorrido para o fracasso da colônia do Saí? A escola de homeopatia do Saí teria realmente funcionado? Afinal, Mure era ou não era médico? Que motivos levaram Mure a decidir partir do Brasil?

Respondendo a essas e outras perguntas, esse trabalho objetiva contar a história de Benoît Mure durante os quase oito anos que permaneceu no Brasil, entre 21 de novembro de 1840 e 13 abril de 1848.

Esse trabalho justifica-se porque quem estuda homeopatia não deve ignorar a sua história, sobretudo relativa ao introdutor da homeopatia no Brasil.

Para tanto, inspirado na tese de José Emygdio Rodrigues Galhardo,¹ proponho-me contar a história descrevendo os fatos, sem a pretensão de realizar uma análise sociológica e política contextualizadas, indicando as referências bibliográficas àqueles que se desejarem aprofundar nesses contextos.

1. José Emygdio Rodrigues Galhardo, homeopata historiador, autor de monumental obra sobre a história da homeopatia no Brasil, tese apresentada no 1º Congresso Brasileiro de Homeopatia no Rio de Janeiro em 1926, na qual o autor consumiu aproximadamente dois anos de pesquisa, folheando dia por dia quase 100 anos de páginas de jornal! Nessa obra, Galhardo descreve os fatos, deixando ao leitor o julgamento dos mesmos.

Desenvolverei o tema dividindo-o em três partes, conforme os acontecimentos predominantes em cada uma delas. A primeira parte: a colônia do Saí, descreve o período que Mure esteve envolvido com a implantação da colônia societária assim

denominada; a segunda parte: a propaganda homeopática, trata das realizações de Mure em prol da implantação da homeopatia no Brasil, e a terceira parte: as querelas homeopáticas, relata as disputas entre Mure e os alopatas e homeopatas da época.

A seguir, um resumo de sua biografia, a guisa de apresentação do personagem.

BENOÎT MURE (1809-1858)

“Quarenta e nove anos de uma vida consumida pelo desejo de agir”.

Ch. Janot.

Bento Mure, como foi chamado no Brasil ou mais propriamente Benoît-Jules Mure, nasceu no dia 4 de maio de 1809, em Lyon, França, e faleceu a 4 de março de 1858 no Cairo, Egito.

Filho único do Senhor Mure e Senhora Boissart, ambos naturais de Lyon. Seu pai era milionário e comerciava com sedas, sendo o inventor do tecido que se denominou crepe.

Foi o jovem Mure cercado de todos os cuidados que a fortuna pode proporcionar, recebendo uma cultura aprimorada, apesar de sua debilidade orgânica. Consta que dominava 14 línguas.

Com a sucessão dos anos desenvolveu uma tuberculose pulmonar, em cujo tratamento teve a assistência das maiores sumidades alopáticas, especialmente o sábio Magendie, que lhe ordenou mudança de clima, como última tentativa para um caso que reputava perdido. Sicília foi o lugar preferido, para onde se transportou.

Nessa região da Itália veio saber então que se poderia restabelecer, sem abandonar sua cidade natal, aonde o Dr. Conde Sebastião de Guidi, discípulo de Hahnemann e introdutor da homeopatia na França, vinha fazendo curas notáveis.

Abandonou a Sicília, regressando à Lyon, entregando-se à assistência desse célebre homeopata francês. Apesar da antiguidade da moléstia e da debilidade, dentro em pouco o jovem Mure restabeleceu-se, fato ocorrido em 1833, quando tinha, apenas, 24 anos de idade.

Grato à homeopatia, resolve propagá-la, iniciando para isto seus estudos de Medicina na Escola de Montpellier.

Volta à Sicília em 1835. Instala em Palermo (Sicília), em 1837, um dispensário homeopático. Traduz do alemão para o italiano livros de homeopatia, especialmente o Manual Patogenético de Yahr. Conduz a atividade de preparação dos medicamentos, construindo engenhosas máquinas para esse fim (vide figura 1, página 7).

Abandonando a Itália Mure dirigiu-se à Paris e aí, em 1839, instala o dispensário da Rua La Harpe, cuja inauguração foi presidida pelo próprio Hahnemann.

Em fins de 1840 dirige-se ao Brasil, a fim de implantar uma colônia societária. Permanece no Brasil de 1840 a 1848. Será exatamente esse período de sua vida detalhado nessa monografia.

Retornando à Paris, publica em 1849, o livro “Patogenesia Brasileira e Doutrina da Escola Homeopática do Rio de Janeiro”, contendo a patogenesia de 36 novas substâncias. Nessa época edita outra obra: “O Médico do Povo”, trata-se de um resumo da matéria médica destinado a leigos. Uma última obra, “A Homeopatia”, foi publicada em 1851, cuja segunda edição, aumentada, publicada em 1883, recebeu o título de “Homeopatia Pura”.

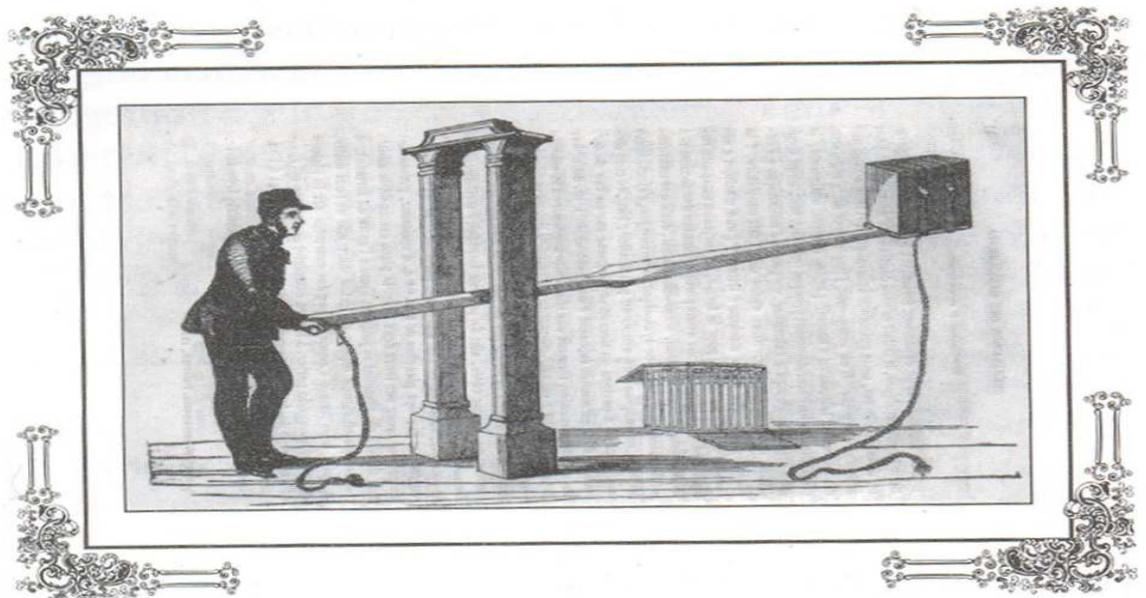
Em 1851, parte para a África, em nova campanha pela propagação da homeopatia, dessa vez junto com a Senhora Sophie Liet, que o acompanhará doravante até o final de sua vida.

Na África faz propaganda no Cairo, e ao longo do curso do Rio Nilo, no Sudão, onde sofre um atentado, em 21 de janeiro de 1853, cujos ferimentos concorrerão para sua morte cinco anos depois.

Volta à Europa em 1854, permanece seis meses em Gênova (Itália), e retorna à França, para cuidar da saúde, durante os dois anos seguintes.

Retorna ao Egito em 1856, onde em Alexandria funda uma escola de homeopatia.

Dirige-se ao Cairo, onde falece em 4 de março de 1858, tendo apenas 49 anos de idade, quando se preparava para voltar ao Brasil.



Máquina de Dinamização Idealizada por Benoit Mure.

FIGURA 1

A COLÔNIA DO SAÍ

“O utopista não aceita o mundo que encontra, não se satisfaz com as possibilidades atualmente existentes: sonha, antecipa, projeta, experimenta”.

Jerzy Szachi

A CHEGADA

Chega ao Rio de Janeiro, a bordo da barca francesa – Eole, proveniente do Havre (França), Benoît Mure, em 21 de novembro de 1840, vem como representante de uma associação de trabalhadores franceses, encarregado de viabilizar as condições para implantação de uma colônia de imigrantes franceses no Brasil.

Essa história começa dois meses antes, quando em 21 de setembro, na residência do cônsul brasileiro na França, associam-se Mure, Jamain, Derrion e outros para criarem a União Industrial com o objetivo de fundar no Brasil uma colônia societária segundo os preceitos de Charles Fourier.²

Logo que chega ao Brasil, Mure torna pública sua intenção, através das páginas do Jornal do Comércio,³ no qual apresenta o projeto de colonização com detalhes do que viria a ser a futura colônia (vide figura 2, página 13).

2. François Marie Charles Fourier (1772-1837): francês, crítico social, criador do fourierismo, é considerado um precursor do socialismo, classificado como um socialista utópico, assim como seu compatriota Saint Simon e Robert Owen na Inglaterra. Para aprofundamento sobre o fourierismo, ler Petitfils, 1977 e Thiago, 1995.

3. Jornal do Comércio: mais antigo periódico com publicação ininterrupta da América Latina. Fundado em 1827 por Pierre Plancher, exilado político francês. Pouco a pouco se tornou um influente órgão da imprensa, e o jornal de maior circulação no Rio de Janeiro na época imperial. Consta que o próprio imperador Pedro II escrevia nele sob pseudônimo. Mure fez amizade com Francisco Antônio Picot, um de seus redatores. Será através desse periódico que Mure terá a oportunidade de expor suas idéias.

Um mês após sua chegada, Mure é apresentado ao jovem Imperador Pedro II: *“Venho em nome de todas as classes sofredoras que aspiram em França a mudar de posição, pedir a V.M. os meios de gozar, debaixo de um governo tutelar, do fruto legítimo de seu trabalho”* (Galhardo, 1928, página 280).

Pouco depois já estava Mure a caminho da Província de Santa Catarina, a bordo do vapor Pernambuco, juntamente com sua companheira e sua enteada,⁴ a fim de escolher o terreno adequado às necessidades do projeto.

Mure teve sucesso na apresentação do projeto que causou interesse do governo e expectativa entre os brasileiros, como se deduz da carta do imperador ao presidente da Província da Santa Catarina recomendando todo apoio necessário à execução dos planos de Mure.

Em março de 1841, Mure encontrava-se em São Francisco do Sul, donde escreveu ao Jornal do Comércio: *“Todas as condições naturais do bom resultado parecem reunidas aqui (...), foi aqui que encontrei, e mais viva, essa simpatia que é tão necessária e que deve assegurar o triunfo de nossa grande aspiração”* (Mure, em Thiago, 1995, página 65).

O local escolhido foi na Península do Saí, situada defronte à Ilha de São Francisco do Sul, na baía de Babitonga, na divisa entre as Províncias de Santa Catarina e Paraná.⁵

4. Mure foi casado na França com M. Bazar, filha do chefe da Sociedade de Saint Simon, abandonou a mulher e juntou-se com M. D’Alibert, antiga figurante da ópera com quem desembarcou no Rio de Janeiro, com o casal veio também uma menina de nome Camilla enteada de Mure.

5. Nos limites da península situa-se um rio chamado Saí Mirim e outro mais ao norte, chamado Saí Guaçu, vindo daí o nome da colônia. (Imagem por satélite, Guia Praias Quatro Rodas 2000/2001, Editora Abril, São Paulo, 2000, página 62).

Após esses preparativos, Mure retorna ao Rio de Janeiro para dar andamento às providências, culminando em 11 de dezembro de 1841, com a assinatura do contrato, de um lado pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, Cândido José de Araújo Viana, e rubricado pelo Imperador, e do outro por Mure.

“O governo imperial concede o domínio útil de duas léguas quadradas de terras devolutas, na Península do Saí, compreendidas entre o rio São Francisco do Sul, Palmital, São João del-Rei, Saí Grande e o mar. A distribuição daquela porção de terra para as famílias coloniais será feita pelo empresário como julgar mais conveniente” (Clausula 3ª do Contrato, Boiteux, em Thiago, 1995, op. cit., página 174).

PRIMEIROS TRANSTORNOS

“Partamos, partamos
Para a terra prometida
É preciso um novo mundo
De novos destinos”.

Hino dos Falansterianos⁶

A primeira leva de 100 colonos chegou ao Rio de Janeiro em 14 de dezembro de 1841, provocando furor na corte. “Vai nossa pátria ser palco de uma experiência de que, depende, talvez, a sorte das sociedades humanas (...) Na Europa, toda classe que sofre tem olhos fitos no Saí” (Periódico “Brasil”, em Thiago, 1995, op. cit., página 81).

Quatro dias depois, os imigrantes foram apresentados ao Imperador Pedro II. Embora o entusiasmo fosse contagiante, a população do Rio de Janeiro, extranhou os trajés e postura refinados, pouco comuns entre os imigrantes. Eram diferentes pelos ares citadinos que denunciavam sua origem urbana, quase todos parisienses de distintas profissões: alfaiates, cirurgiões, metalúrgicos, comerciantes, etc.

6. Falansteriamos: derivado de falanstério, que vem de “A Falange”, nome de um periódico que veiculava as idéias fourieristas na França.

Quem via o entusiasmo do grupo, não imaginava que a discórdia crescia entre eles. Enquanto Mure se desdobrava no Brasil, seus sócios na França tomavam condutas que o desagradaram, aliciando pessoas para a colônia que Mure não aprovava, em contrapartida, do lado dos sócios Jamain e Derrion surgiram suspeitas

de que Mure estivesse agindo em benefício próprio. Tais desconfianças cresceriam, quando ao chegarem ao Brasil, os sócios souberam que a distribuição das terras da colônia ficaria exclusivamente a cargo de Mure e não da União Industrial.

Mure propôs-lhes um acordo que deveria ser ratificado perante o cônsul francês, entretanto, no dia e hora aprazados, enquanto o esperavam, Jamain e Derrion no consulado, Mure zarpava para a Província de Santa Catarina, em 30 de dezembro de 1841, com todo o material, avaliado em 60.000 francos, levando, também as mulheres e os filhos dos dois, assim como os pertences de mais vinte societários que abandonara no Rio de Janeiro.

Jamain, Derrion e os colonos abandonados somente conseguiram sair do Rio de Janeiro em 23 de janeiro de 1843. Aportaram em São Francisco do Sul dispostos a um acerto de contas. Com essa desunião entre os colonos, a situação do projeto complicou-se, selando no seu nascedouro, o fracasso do falanstério.

As autoridades locais viram-se entre o fogo cruzado dos franceses e não sabiam como agir. De um lado parte dos colonos questionava a liderança de Mure, e do outro Mure era o legítimo agente interlocutor com o governo.

Sem chegar a um consenso, os colonos separaram-se, dividindo o grupo. Mure e parte deles ficou no Saí, enquanto os dissidentes instalaram-se, primeiramente, na Vila de São Francisco do Sul, às próprias custas, enfrentando problemas de sobrevivência, posteriormente, o grupo dissidente fundou a “Colônia do Palmital”, também na região do Saí.

A rivalidade entre o grupo do Saí (Mure) e do Palmital (Jamain e Derrion) foi revigorada com a chegada, em 27 de novembro de 1842, do segundo grupo de colonos, com o desembarque de 117 pessoas. Os dois grupos disputaram os colonos, numa confusão geral. A maior parte dos novos imigrantes, naturalmente insegura e decepcionada, dispersou-se ou retornou, deixando para trás a colônia.

No início de 1843, a dispersão era quase total, com os colonos retirando-se, na maior parte, para o Rio de Janeiro e alguns para Florianópolis, Paranaguá, Santos e Montevidéu.

O inspetor Silva Mafra designado pelo governo para realização de sindicância na colônia, assim se pronunciou: “(...) *Tenho que tudo quanto deixar de se despendar com a colonização francesa e pelo sistema societário, que em colonização é verdadeira utopia, será lucro para os cofres públicos, pois se, com quarenta contos quase nada se fez, com vinte e quatro mais, nada se fará*” (Silva Mafra, em Thiago, 1995, op. cit., página 131).

As impressões de Mure sobre esse período, são expressas nesse esclarecedor depoimento: “*Infelizmente, no sistema de Fourier está inserida uma negação ao comunismo, que eu inicialmente com meu otimismo não queria ver. Os colonizadores assumiram precisamente esta negação e com isto tornaram-na ainda mais forte. Daí resultaram contradições que levaram à desintegração da colônia. Isto conduziu a lutas que durante três anos me levaram a um inferno que, comparado com Dante, este teria sido mais leve de suportar. Finalmente consegui sobreviver. Investi toda a minha fortuna numa perigosa honra que tentei assumir com o objetivo de mudar o mundo prematuramente. Por cinco vezes hasteei a bandeira de sete cores ondulando-a através do oceano Atlântico, conduzindo colonizadores e, finalmente, acabei sendo a única vítima*” (Mure, em Balzli, 1929, citado em Lore Fortes, 2000, página 90).

Com esse depoimento, concluo essa primeira parte, faltando apenas esclarecer a questão relativa à fundação da escola de homeopatia do Saí. Teria tal escola realmente funcionado?

ESCOLA DE HOMEOPATIA DO SAÍ

Mure anuncia no Jornal do Comércio de 25 de janeiro de 1843, a fundação em 15 de novembro de 1842 da Escola Suplementar de Medicina e Instituto

Homeopático do Saí, essa, portanto, teria sido a primeira escola de homeopatia do Brasil.

Numa correspondência datada de 5 de dezembro de 1842, publicada no Jornal do Comércio de 30 de janeiro de 1843, Mure dá notícias da recém fundada escola no Saí: *“De toda parte médicos e doentes vêm aqui procurar conhecimentos e socorros. Lancei em proveito dos estudantes e médicos que querem completar os seus estudos as bases de um ensino sério e profícuo, do qual as Províncias de Santa Catarina e São Paulo começam a colher frutos”* (Mure, em Galhardo, 1928, op. cit., página 297).

Embora Galhardo baseado nessa notícia tenha afirmado a existência real de alunos nessa escola, é pouco provável que nas condições em que se encontrava a colônia no início de 1843, que ela tenha de fato funcionado. Trabalhos mais recentes dão conta da inexistência de registros sobre a escola na documentação levantada sobre a colônia (Ver Thiago, 1995, op. cit.).



FIGURA 2

A PROPAGANDA HOMEOPÁTICA

“Ah, não há senão eu e vós que amamos a Homeopatia por ela mesma”.

Hahnemann

em comunicação pessoal a Mure

INÍCIO DA PROPAGANDA

No período que passou envolvido com a colônia, Mure não deixou de todo a homeopatia, divulgando-a, embora discretamente, converteu adeptos entre pessoas da elite, entre eles o cirurgião Souto Amaral, o qual acompanhava em visitas aos pacientes deste.

Em outro exemplo dessas iniciativas, em setembro de 1841, Mure converte o Dr. José da Gama e Castro,⁷ redator do Jornal do Comércio, que escreverá artigos em defesa da homeopatia nesse periódico. Também será através desse órgão que Mure publicará seu primeiro artigo sobre homeopatia, a 19 de dezembro de 1841, sob o pseudônimo de “Dr. Philomeus” (vide nota 3, página 8).

Em meados de 1843, Mure encontra-se definitivamente no Rio de Janeiro. De agora em diante, dedicar-se-á à franca divulgação da homeopatia. Sua primeira providência foi apresentar tese junto à Faculdade de Medicina.

Um mês depois de retornar ao Rio de Janeiro, Mure apresenta à Faculdade de Medicina uma tese escrita em latim, com seis páginas: “*Algumas proposições para a Homeopatia que confirmam sua justeza. Tese para a obtenção do direito de exercer a medicina neste Império, perante a muito útil à saúde Faculdade do Rio de Janeiro, 1843*”. Conquistou aprovação com louvor, habilitando-se ao exercício da medicina no Brasil.

7. Dr. José da Gama e Castro (1795-1875): médico e escritor português, autor de várias obras, cabe-lhe a honra do pioneirismo na publicação de artigos em defesa da homeopatia no Brasil.

INSTITUTO HOMEOPÁTICO DO BRASIL

Em 10 de dezembro de 1843, Mure e Vicente José Lisboa⁸ criam o Instituto Homeopático, aquele que seria o centro difusor da homeopatia no Brasil,

criado justamente com essa finalidade. Nesse mesmo dia foi aberto o consultório homeopático da Rua São José, nº 59, sede do Instituto.

“Nós e quem por convite nosso se nos unir constituir-nos-emos em sociedade denominada Instituto Homeopático do Brasil, a fim de propagar a homeopatia em proveito das classes pobres. Os meios são o ensino, as publicações, as experiências e a prática dessa ciência, a preparação dos medicamentos e as experiências no homem são” (Mure, em Galhardo, 1928, op. cit., página 304).

Alguns meses depois, em 10 de março de 1844, em sessão presidida por Mure em sua própria residência, à Rua do Conde nº 2, foi solenemente inaugurado o Instituto, com discurso de Mure: *“Sob os auspícios da Divina Providência e debaixo da proteção das leis deste Império está instalado o Instituto Homeopático do Brasil. O fogo da propagação acaba de ser ateado entre nós de maneira a se não extinguir jamais, a brisa benéfica do céu terá força bastante para repelir o furacão impetuoso da perseguição, de dia em dia novas forças aumentarão as existentes, e esse fogo divino circulará todo Império”* (Mure, em Galhardo, 1928, op. cit., página 304).

A seguir, após a leitura e aprovação da ata, assinaram 72 sócios fundadores, entre médicos, militares, padres, políticos e simpatizantes da homeopatia.⁹

8. Vicente José Lisboa criador e primeiro secretário do Instituto Homeopático do Brasil, rompeu com Mure no final de 1847, participando do grupo de homeopatas dissidentes. Não deve ser confundido com João Vicente Martins, braço direito de Mure, que esteve sempre a seu lado.

9. Entre os 72 sócios fundadores, destaco a assinatura de uma única mulher, Senhora D. Laura Joaquina de Moraes, cujo nome, por esse motivo, entrou para a história da homeopatia no Brasil.

Segundo Galhardo, Mure foi aclamado por uns e adotado por outros presidente da diretoria do Instituto, Lisboa e Duque-Estrada,¹⁰ primeiro e segundo secretários respectivamente.

BRAÇO DIREITO DE MURE

Por essa época, fim de 1843, Mure conhece aquele que viria a ser seu maior aliado no Brasil: João Vicente Martins.¹¹ Em dedicatória consignada na primeira edição do livro *Patogenesia Brasileira*, em Paris, 1849, Mure dá-nos noção da grandeza dessa amizade (vide figura 5, página 22).

“Oh meu amigo! Este é o papel que lhe foi destinado no grande drama da introdução da homeopatia no Brasil. (...) Vinte vezes, quando fadigado pela luta, com o meu braço tornando-se mais pesado, quando minha vista perturbada só via inimigos ao meu redor, eu senti este gládio invencível restabelecer as probabilidades do combate. Nas questões de doutrina, na pressão dos interesses privados sobre o banco do réu, eu via brilhar um rápido relâmpago e o braço de João Vicente Martins abater meus adversários” (Mure, dedicatória a João Vicente Martins, em *Revista Brasileira de Homeopatia*, 1 (1): 12-13, 1991).

10. Domingos de Azeredo Coutinho de Duque-Estrada foi o primeiro brasileiro a exercer a homeopatia no Brasil, que se tem notícia. Inicialmente participa do grupo do Instituto, posteriormente romperá com Mure dirigindo o grupo de homeopatas dissidentes.

11. João Vicente Martins (1808-1854): cirurgião português, chegou ao Rio de Janeiro em 1837, passando a exercer a especialidade de oftalmologia. Em fins de 1843, associa-se ao Instituto Homeopático do Brasil e passa a colaborar ativamente pela divulgação da homeopatia no Brasil. Promoveu a fundação da Sociedade São Vicente de Paulo no Brasil. Naturalizado cidadão brasileiro em 1853, morreu no Rio de Janeiro em 1854. Grande nome da homeopatia brasileira foi o principal auxiliar de Mure na propagação da homeopatia no Brasil, e dará continuidade aos trabalhos de Mure, após sua partida do Brasil.

PROGRESSOS DA PROPAGANDA

Mure e Martins instalaram diversos consultórios na corte e nas províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. Assim, além do consultório central, à Rua São José,

instalaram consultórios em Botafogo, na Ilha do Governador, em Jacarepaguá, em Niterói, em Magé, em Iguaçu, em Porto Estrela, em Paty do Alferes, em Marica, em Angra dos Reis, em Boa Esperança, em Lorena, em Pindamonhangaba, etc.

Instalaram igualmente a primeira farmácia homeopática central, à Rua São José, nº. 59, para satisfazer as necessidades dos médicos homeopatas, o preparo dos medicamentos foi confiado ao farmacêutico José Victorino Ventura Pinheiro.

Para termos a noção do movimento do consultório da Rua São José, durante o período de 1843 a 1856, foram atendidos um total de 81.824 pacientes, destes, 46.906 eram homens livres, 20.496 eram mulheres livres, 9.094 eram homens escravos e 5.328 eram mulheres escravas (Porto, 1989).



Texto de Benoît Mure e João Vicente Martins com o detalhe do anúncio do "Primeiro consultório gratuito para os pobres" (1847).

FIGURA 3

ESCOLA DE HOMEOPATIA DO BRASIL

Dando continuidade ao propósito de divulgação, Mure encarrega Martins de elaborar o projeto de uma escola de homeopatia. Os estatutos da escola foram

apresentados em 2 de janeiro de 1845, tendo sido aprovados, foi considerada a escola instalada. No dia 6 de fevereiro de 1845, foram iniciadas as aulas, cuja lição inaugural foi uma aula de anatomia e fisiologia a cargo de João Vicente Martins. As aulas teóricas eram ministradas no Instituto, e a prática clínica era ensinada nos numerosos dispensários espalhados pelo Rio de Janeiro.

Mure, além de diretor presidente do Instituto, ao qual a escola pertencia, ministrava as disciplinas de Patogenesia e Doutrina, e provavelmente também de Farmácia Homeopática.

Para matrícula não era exigido diploma de faculdade oficial de medicina. A estratégia de Mure era ensinar a homeopatia aos representantes de todas as classes, a fim de facilitar sua propagação, por isso não exigia que o estudante interessado em homeopatia fosse médico.

A escola será duramente combatida pelos médicos da época, que a chamavam de “fábrica homeopática de médicos da Rua São José”, e não pouparam esforços para fechá-la. A escola chegou a interromper suas atividades em 1846, aguardando parecer do governo quanto à sua legalidade.

Em 27 de março 1846, o governo autoriza a escola a conferir certificados a seus alunos, entretanto os mesmos só poderiam exercer a medicina após se submeterem aos exames das faculdades oficiais, o que na prática significava a interdição do exercício da homeopatia por não médicos.

Apesar disso, decorridos três anos de existência, a escola conseguiu formar a primeira turma, em 2 de julho de 1847, realizou-se a festa de formatura de 5 alunos, em solenidade presidida por Mure.

PATOGENESIA BRASILEIRA

Além das atividades didáticas, a escola promovia patogenesias com o concurso dos alunos, entre elas destacamos a história da patogenesia da *mancinella*.¹²

“Quando tive conhecimento da existência de Hippomane mancinella nas circunvizinhanças do Rio de Janeiro, enviei especialmente o Sr. Ackermann, aluno do Instituto, verificar sua identidade e dela colher o suco, missão que foi cumprida com devotamento e na sessão de 10 de janeiro de 1846, com diversos de nossos alunos, ele tomou uma parte da tintura que havia preparado. Os sintomas violentos que se lêem no experimento atingiram em alguns experimentadores a intensidade de um verdadeiro envenenamento, que exigiu imediatos cuidados, tratando-os. Por isso é que o número de sintomas não está em relação com o número de pessoas que tomaram o medicamento, devido à causa que venho de citar. A patogenesia da Mancinella é uma das mais preciosas da matéria médica brasileira, e a ela está ligado o nome do Instituto Homeopático do Brasil, perigoso experimento tentado e jamais atingido pelos homeopatas europeus” (Mure, em Galhardo, 1928, op. cit., páginas 322/3).

A partir de junho de 1847, a escola passa a produzir uma revista chamada *Sciencia* de divulgação científica na qual publicava seus experimentos, entre outros assuntos variados, especialmente homeopáticos. A *Sciencia* publicou as patogenesias *Crotalus cascavella*, *Petiveria tetrandria*, *Vipera coralina*, *Amphisbena* (cobra de duas cabeças) e *Convolvulus pastoris*.

12. Hippomane mancinella: nome comum: mancenilha (manacá-açu). Árvore de origem amazônica, cuja semente contém um suco leitoso com o qual os indígenas envenenavam suas flechas. Mure usou as folhas frescas. Pelos motivos expostos, os sintomas relacionados na patogenesia são de um único experimentador o Senhor E. T. Ackermann. Ao retornar a Europa, Mure publicará essa e outras trinta e cinco novas patogenesias no livro *Patogenesia Brasileira e Doutrina da Escola de Homeopatia do Rio de Janeiro*, em Paris, em 1849.

Mure tinha como estratégia a divulgação da homeopatia para leigos, especialmente em localidades fora do Rio de Janeiro, onde era difícil naquela época encontrar médico. Através de publicações, tais como: “Prática Elementar da Homeopatia pelo Dr. Mure ou Conselhos Clínicos para Qualquer Pessoa Estranha Completamente à Medicina Poder Tratar-se” (1844) e “Notícias Elementares da Homeopatia ou Manual do Fazendeiro, do Capitão de Navio e do Pai de Família, Contendo a Ação dos 24 Principais Medicamentos” (1846), Mure e Martins explicavam como tratar doentes pelo novo método científico na ausência de médico e como manipular medicamentos fazendo uso de uma botica básica. Essas obras forneciam também um compêndio de matéria médica pura que relacionava as principais afecções e como diagnosticá-las de acordo com suas sintomatologias.

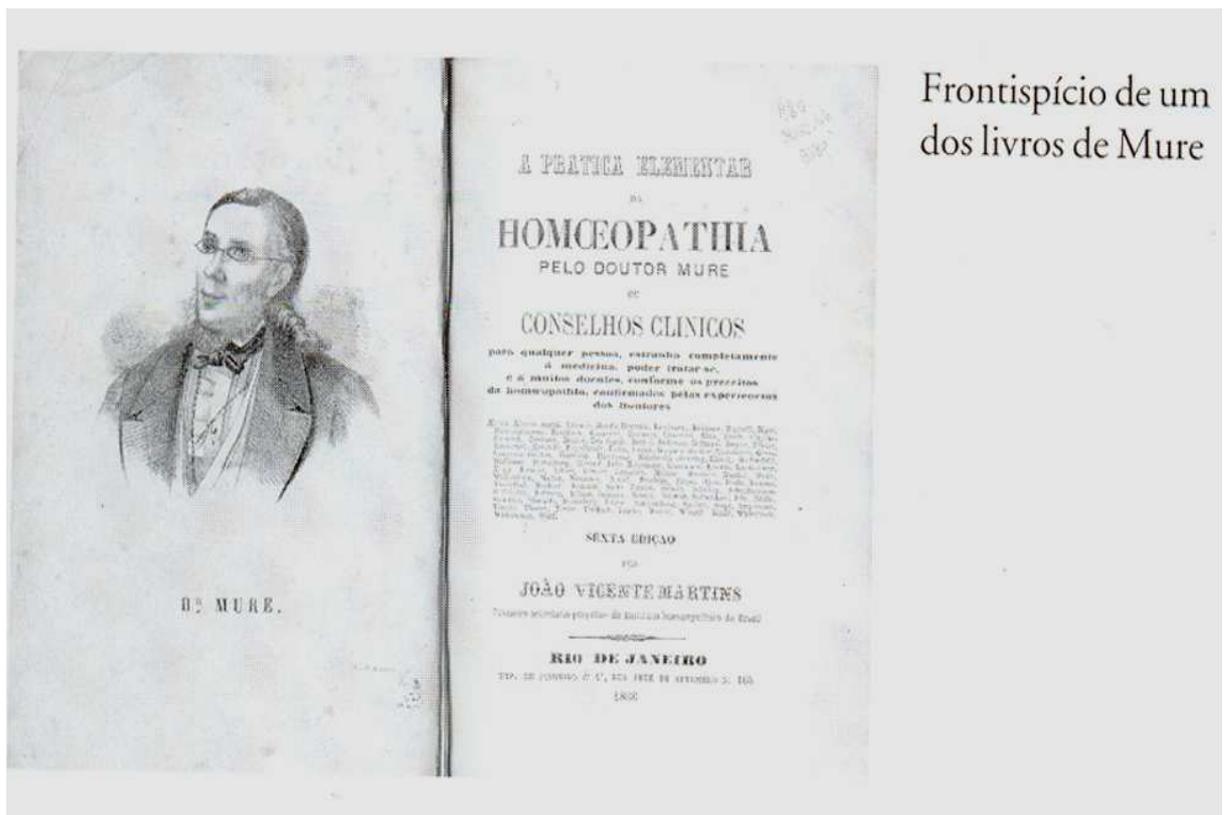


FIGURA 4

PLANO DE SAÚDE PARA ESCRAVOS

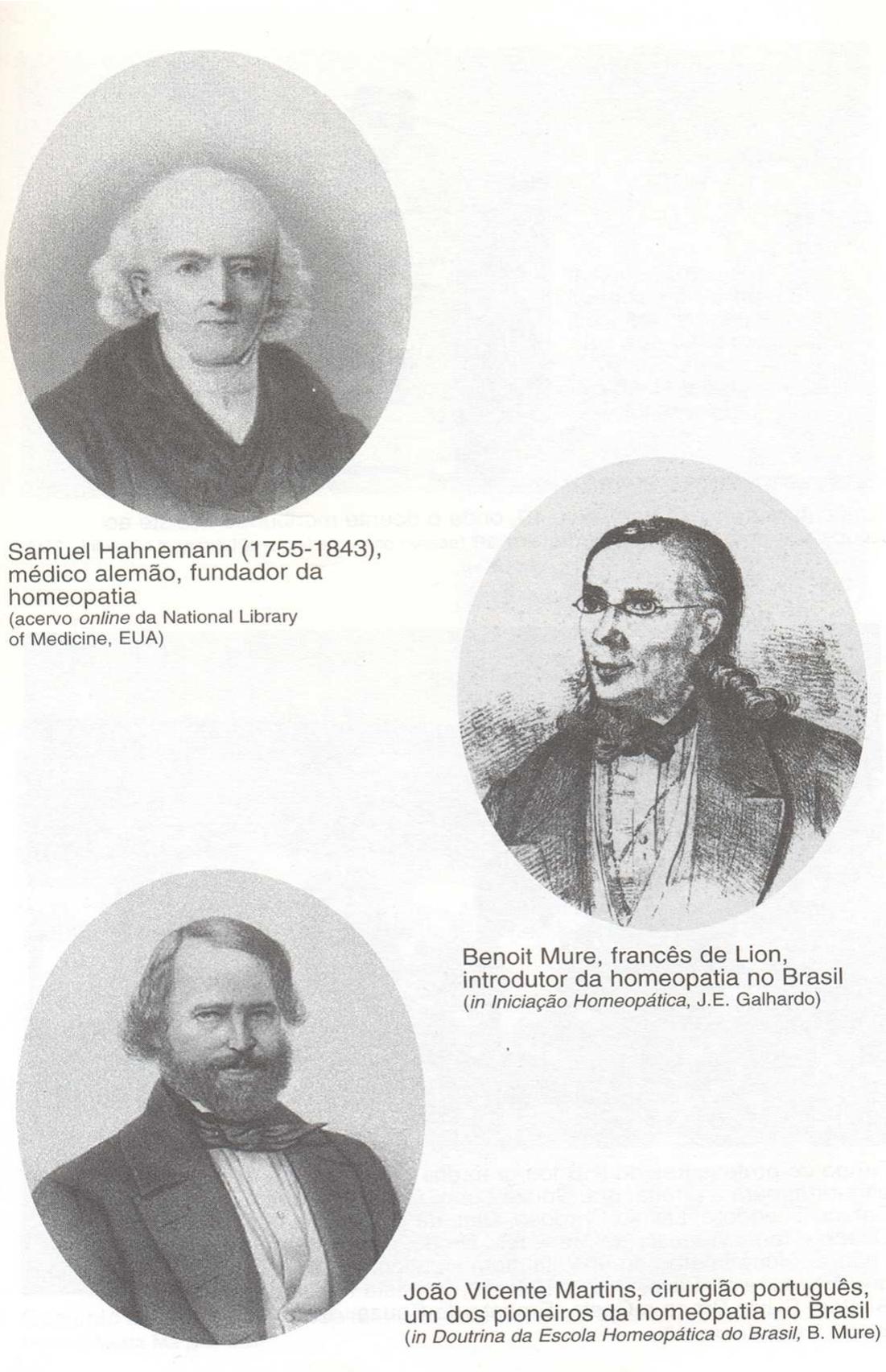
A Companhia Prosperidade de Seguros de Vida de Escravos foi criada em 2 de julho de 1845, sendo nomeado diretor-dirigente da companhia, por quanto tempo ela durasse, Benoît Mure, e administradores: José Vitorino dos Santos, João Vicente Martins e Egidio Taloni.

Consistia em algo parecido com um plano de saúde para tratamento homeopático de escravos, financiado pelos fazendeiros, mediante pagamento de um prêmio anual de 2,5 até 5% do valor de cada escravo segurado.

Proposta inovadora destinada à saúde dos escravos no Brasil, teve o mérito de difundir a homeopatia no interior da província, além de possibilitar a abertura em dezembro de 1846 de um hospital para pretos, a Casa de Saúde Homeopática, no Morro do Castelo, Rio de Janeiro.

Concluiu, apresentando o resultado dessas iniciativas na propagação da homeopatia. Em 1851, a homeopatia estava implantada na Província do Rio de Janeiro, como demonstra relatório sanitário da Província: dos dezesseis municípios que enviaram resposta aos quesitos apresentados, Campos, Macaé, Cabo Frio, Saquarema, Marica, Rio Bonito, Itaboraí, Iguaçu, Piraí, Paraíba do Sul, Parati, Barra Mansa, Itaguaí, Niterói, Friburgo e Cantagalo, apenas três, Paraíba do Sul, Parati e Friburgo, indicam, como resposta ao quesito “Qual o método de clínica mais geral nesse município?”, exclusivamente o alopático; nos outros, ao lado de medicina oficial, figura a homeopatia, prática médica preferida no município de Piraí, e única no município de Iguaçu, onde foi instalado um dos primeiros consultórios gratuitos, em 1844 (Porto, 1989).¹³

13. Mapa do Estado Sanitário na Província do Rio de Janeiro durante o ano de 1851, apresentado pelo Dr. João Fernandes Tavares, em 10 de abril de 1852. O objetivo deste questionário era saber quais as “moléstias endêmicas que costumam reinar em cada uma das freguesias” dos municípios da Província do Rio de Janeiro.



Samuel Hahnemann (1755-1843),
médico alemão, fundador da
homeopatia
(acervo *online* da National Library
of Medicine, EUA)

Benoit Mure, francês de Lion,
introdutor da homeopatia no Brasil
(in *Iniciação Homeopática*, J.E. Galhardo)

João Vicente Martins, cirurgião português,
um dos pioneiros da homeopatia no Brasil
(in *Doutrina da Escola Homeopática do Brasil*, B. Mure)

FIGURA 5

AS QUERELAS HOMEOPÁTICAS

“Esta polêmica teve a maior influência que imaginar se possa no progresso da homeopatia no Brasil, retardando-o de cerca de 50 anos”.

Galhardo

POLÊMICAS COM OS ALOPATAS

Devido à franca propaganda da homeopatia, Mure conquistou muitos adeptos, mas, ao mesmo tempo, muitos adversários. Inicialmente, enfrentou a oposição dos alopatas, entre eles, os principais foram A. da Costa, J. R. de Mattos, Orfilia, Rognetta, Meirelles, Pimentel, Maia, Sigaud, Jobim e Ludgero Lapa.¹⁴

Os embates deram-se principalmente através das páginas do Jornal do Comércio, no qual ambos os lados publicavam artigos que alimentavam as polêmicas. Os ataques nem sempre respeitaram os limites da ética e freqüentemente descambavam para assuntos envolvendo a vida privada dos debatedores (vide figura 6).



FIGURA 6

14. A análise do contexto político e institucional que justificam essa oposição não é escopo desse trabalho, o leitor interessado pode aprofundar esse tema em Faria, 1994; Luz, 1995; e Novaes, 1989.

Como nesse exemplo de 30 de outubro de 1843, no qual Mure responde a J. R. de Mattos que o acusa de exercer a homeopatia exclusivamente por dinheiro: *“Perseguido até no asilo da vida privada, estou resolvido a tudo para defender a causa da verdade. Seja de vidro, se for preciso, a minha casa, como desejava Sócrates; hei de suportar esta dura necessidade. Depois de ter despendido uma grande fortuna no serviço da humanidade, acho-me obrigado, como muitos outros, a receber preço do meu trabalho. É para mim custoso, depois de ter dado gratuitamente a um milhão de criaturas humanas os socorros da homeopatia, ver-me obrigado hoje a fazê-las pagar. Pode isso doer-me, mas não me envergonhar. Os monumentos de minha caridade, que ainda existem em diversos pontos da Europa, bastam para provar que não sou homem interessado”* (Mure, em Galhardo, 1928, op. cit., página 300).

CONVITE PARA EXPERIÊNCIA

No Jornal do Comércio de 8 de abril de 1846, Mure provoca seus adversários, lançando um desafio terapêutico: alopatia versus homeopatia, por ele intitulado o “Convite Definitivo”: *“Seja posta à disposição dos homeopatas, que aprovarão, como espero, o passo que dou, metade dos enfermos que houver na Santa Casa de Misericórdia eu me proponho a provar praticamente: 1.º - Repetindo a experiência do Dr. Trousseau¹⁵ que os doentes tratados com bolas de pão e água pura ficam melhor curados e mais depressa do que sendo submetidos a tratamentos alopáticos. 2.º - Que a homeopatia cura ainda muito mais depressa e muito mais seguramente, e pode reduzir a mortalidade, a muito menos de metade do número ordinário. Se desde o primeiro mês de tratamento homeopático a mortalidade, que hoje é de 26% não ficar reduzida a 20%; se no fim do terceiro mês não estiver ela reduzida a 13%, isto é, a metade do que é atualmente, eu abaixo assinado me obrigo a declarar-me inábil, a banir-me dessa corte, e a renunciar a prática da medicina”* (Mure, em Galhardo, op. cit., página 316).

15. Armand Trousseau (1801-1867): médico francês. Mure refere-se à experiência feita por Trousseau no hospital L’Hotel Dieu em Paris, publicada em 1834, na qual deu a um grupo de pacientes remédios homeopáticos, e a outro grupo, placebo de miolo de pão.

FÁBRICA HOMEOPÁTICA DE MÉDICOS

Sob o título “Fábrica Homeopática de Médicos”, publicou o Jornal do Comércio de 6 de janeiro de 1846 um artigo assinado por “O Socialista”, pseudônimo que ocultava um agressivo adversário da homeopatia, chamando a atenção do chefe de polícia para a fábrica de médicos da Rua São José.

Pelo Jornal do Comércio de 13 de fevereiro de 1846, Mure responde, declarando que “O Socialista”, é o próprio Dr. Antonio da Costa¹⁶ e convida-o a entrar em discussão científica, pondo de parte insultos e personalidades. *“Si isto lhe convém, começaremos; se não lhe convém, então nos dirigiremos somente ao público, e deixaremos, o Senhor doutor a sua vontade”* (Mure, em Galhardo, op. cit., página 325).

ACUSAÇÃO DE ENVENENAMENTO

Foi Mure acusado por Joaquim José da Silva, professor de Patologia interna da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro de haver ocasionado à morte de D. Maria Henriqueta dos Santos, filha do Tenente Coronel José Joaquim dos Santos, por meio de medicamentos homeopáticos que lhe administrara. A acusação fora feita no próprio atestado de óbito que passara o médico assistente, acima citado, a cujos cuidados entregara-se a doente seis dias antes de seu falecimento, abandonando, portanto, a medicação que lhe fora prescrita por Mure. No atestado de óbito passado por aquele professor, no dia 5 de março de 1847, se achava consignado que a doente havia falecido em consequência de três doses homeopáticas que tomara.

16. Três dias após a revelação, Antonio da Costa sofreu uma tentativa de assassinato às dez e meia horas da noite, ao entrar à casa de sua residência, tentativa praticada por um indivíduo vestido de preto que lhe deu três facadas, uma no peito e duas nas costas. Os adversários da homeopatia usaram o episódio para acusar os homeopatas. O criminoso jamais foi conhecido, deixando na ignorância um fato que tanto interessava à vítima como aos próprios homeopatas.

Serviram de peritos: Manoel de Valladão Pimentel, professor de Clínica Interna e Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e Antonio Ildefonso Gomes, que declararam: *“Conquanto sejam venenos as substâncias constantes das receitas, contudo se foram empregadas nas doses aí formuladas, não podiam produzir efeitos de envenenamento, como os que se declararam no atestado”* (Galhardo, 1928, op. cit., página 397).

Em face desta afirmativa declarou Joaquim Gaspar de Almeida, 1º suplente do 2º delegado de polícia, *“que em vista das razões produzidas pelo Dr. Promotor não haver lugar proceder-se o sumário”* (Galhardo, op. cit., páginas 397).

FALECIMENTO DO PRÍNCIPE

Tendo falecido, às 5 ½ horas da tarde do dia 11 de junho de 1847, Sua Alteza Imperial D. Afonso, que, apesar de ter apenas 27 meses de idade, era Presidente honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, houve, em 1 de julho de 1847, uma sessão solene, nesse Instituto, em memória de seu Presidente. Mure externou nessa solenidade opinião que não agradou ao auditório, em discurso, acusou os médicos da família real de negligência por permitir que fosse oferecido ao príncipe uma ama de leite tuberculosa.¹⁷

“Que vos direi mais? Contar-vos-ei como o veneno que devia fazer perigar essa tenra flor foi administrado no leite de uma tísica que apresentava os sinais mais evidentes de sua moléstia. (...) Resta-me, entretanto, revelar um fato ainda mais concludente, o leite envenenado que ele tinha recebido, produziu na filha da nutriente os mesmos efeitos que no príncipe. A irmã de leite do príncipe D. Afonso morreu com os mesmos sintomas que Sua Alteza Imperial apresentou” (Mure, em Galhardo, op. cit., página, 412).

17. D. Afonso (1845-1847): filho primogênito dos imperadores D. Pedro II e Tereza Cristina, tinha pouco mais de dois anos de idade, quando foi encontrado morto no berço. Os historiadores consultados divergem sobre a causa de sua morte, portanto, a acusação de Mure não pode ser descartada.

O que se verificou foi a expulsão de Mure por causa desse discurso, julgado ofensivo à alopatia. Achavam-se presentes grandes inimigos da homeopatia, nomes ligados às polêmicas homeopáticas, todos inimigos pessoais de Mure. Lê-se, porém, entre os presentes, Maximiano Marques de Carvalho, homeopata, que nessa ocasião já se havia estremecido com Mure.

PATERNIDADE HOMEOPÁTICA

São três os nomes que reivindicaram a paternidade da homeopatia no Brasil: Emílio Germon, francês, Duque-Estrada, brasileiro, e o próprio Mure.

“É bem verdade que antes de 1840 já o Dr. Emilio Germon se achava no Brasil (...). Aqui se encontrou, porém, na qualidade de naturalista, no interior do Brasil, onde não deixou discípulo conhecido. Não pode, portanto, ser reconhecido como introdutor da homeopatia em nossa pátria” (Galhardo, 1928, op. cit., página 294).

“Foi Duque-Estrada o primeiro brasileiro que aplicou a homeopatia em nosso país, embora não lhe possam caber as honras da inicial propaganda de introdutor da medicina de Hahnemann no Brasil” (Galhardo, 1928, o. cit., página 275).

“Ao Dr. Bento Mure cabe a glória da intensa propaganda, introdutora sistemática da homeopatia no Brasil, despertada pela majestosa pena do Dr. José da Gama e Castro, quem primeiro escreveu, pela imprensa, defendendo a homeopatia no Brasil” (Galhardo, 1928, op. cit., página 375).

Das citações extraídas de Galhardo concluímos que o diferencial entre os postulantes é que somente Mure fez discípulos, ou seja, a Mure coube a formação de homeopatas visando à propagação da homeopatia, ao contrário dos outros dois, que trataram a homeopatia como atividade particular. Justiça seja feita, não se pode esquecer da ajuda que Mure recebeu de João Vicente Martins nesse processo de implantação e divulgação de homeopatia no Brasil.

CIZÂNIA HOMEOPÁTICA

Embora já houvesse indícios de divergências quanto à direção de Mure desde o início de 1846, os homeopatas permaneceram aglutinados em torno do Instituto Homeopático do Brasil. Essa dissonância, porém, nos meses seguintes, avolumou-se, resultando em franca dissidência no final de 1847.

O ponto de cisão foi o apoio do Instituto aos Senadores Bernardo Pereira de Vasconcelos e José Saturnino de Costa Pereira, que em 15 de setembro de 1847 submeteram a consideração do senado um projeto que na prática acabava com monopólio das faculdades oficiais no controle do exercício da medicina.

Os dissidentes congregaram-se em torno de dois pólos: Mure, de um lado, e Duque-Estrada, do outro. Ficaram com Mure os homeopatas que apoiavam a prática de ser conferida autoridade para exercer a clínica homeopática a quem o desejasse, após noções dadas na própria Escola de Homeopatia do Brasil ou por meio de livros para os que residissem fora do Rio de Janeiro (vide figura 4, página 20). Acompanharam o Dr. Duque-Estrada os homeopatas que julgavam imprescindível o diploma de médico ou de farmacêutico para o exercício da homeopatia.

ACADEMIA MÉDICA HOMEOPÁTICA

Como inconciliáveis eram os pontos de vista, os dissidentes reuniram-se no dia 4 de outubro de 1847 e fundaram a Academia Médica Homeopática. Estava estabelecida a dissidência entre os próprios homeopatas, do que muito bem souberam aproveitar os adversários da homeopatia.

A Ata de fundação da Academia Médica Homeopática do Brasil, explicita a divergência de estratégias para a propagação da homeopatia entre os dois grupos:

“A reunião, (...) presidida pelo Dr. Duque-Estrada propôs a necessidade de criar-se uma associação de médicos que exercessem com honra, dignidade e desinteresse, a homeopatia no Brasil (...) e levantar uma barreira aos abusos que

têm aparecido no salutar benefício da medicina homeopática, ganhando com isto a ciência e a humanidade” (Galhardo, 1928, op. citado, página 425).

Estas lutas entre os próprios partidários da homeopatia estenderam-se aos adversários alopatas que, ávidos de escândalo, incitavam os homeopatas uns contra os outros. Jamais foi possível estabelecer a harmonia.

SENHOR PROENÇA: SALVO POR UM GATO¹⁸

Um exemplo do nível de agressividade dessas lutas, pode-se conferir nesse episódio, no qual José Henrique de Proença, aluno certificado pela escola de homeopatia, não médico que exercia a homeopatia, foi levado à prisão acusado de envenenamento pelo grupo de Duque-Estrada, com o propósito de atingirem o grupo de Mure.

O Jornal do Comércio de 01 de dezembro de 1847 publica: *“O Sr. José Henrique de Proença que se acha preso na cadeia de Aljube por suspeitas de que Ignácio de Souza Leite Junior, por ele tratado homeopaticamente, tinha morrido envenenado, foi solto domingo (28 de novembro) passado, por não se terem encontrado, como já dissemos, indícios de veneno, quer no tubo intestinal do falecido, quer no remédio que restava da dose que lhe fora aplicada, e por não ter produzido efeito algum essa porção de remédio na experiência a que posteriormente se procedeu. Continua, porém, o processo feito ao Sr. Proença, por praticar ilegalmente a medicina” (Galhardo, 1928, op. cit., páginas 450/1).*

18. O Sr. Proença prescreveu duas doses, cuja segunda o falecido não chegou a tomar, então, ofereceu-se para beber ele próprio o remédio, porém, o delegado que cuidava do caso opôs-se a prova; a fim de se proceder a perícia, o restante da porção do medicamento, isto é, a segunda dose, foi então, administrada a um gato. Como após a tomada o gato permaneceu são e salvo, o Senhor Proença foi libertado da prisão. Consta que após o episódio, abatido, Proença adoeceu e não conseguiu mais exercer a homeopatia.

“Como viu o leitor a polêmica entre os homeopatas foi mais nociva à propaganda homeopática do que as anteriores polêmicas entre contendores de escolas diferentes. Quando as comadres brigam as mazelas vêm à rua. Foi o que sucedeu com a intrigalhada vergonhosa entre os partidários de uma mesma doutrina, no início de sua propaganda, no momento em que a solidariedade entre os adeptos era imprescindível para contrapor a impetuosidade dos ataques adversários” (Galhardo, 1928, op cit., página 452).

1848: ACIRRAMENTO DOS ATAQUES

No início de 1848 os adversários lançam ofensiva contra Mure, a estratégia era isolá-lo, e estava dando certo. Nessa época João Vicente Martins encontrava-se em Salvador, Bahia, a fim de fundar uma filial do Instituto e Mure defendia-se sozinho. Em discurso proferido em 10 de janeiro de 1848, contra-ataca: *“Nada vos direis das outras intrigas contra nós produzidas por nossos inimigos declarados: são o pão cotidiano dos propagadores, e não merecem uma menção particular. Devo antes mencionar a dos falsos amigos que parecem amar a homeopatia, e que em definitivo dela só amam o que pode servir a seus interesses pessoais”* (Mure, em Galhardo, 1928, op. cit., página 466).

Mure referindo-se a distinção entre alopatia e homeopatia, revela seu pensamento, esclarecendo sua posição: *“A homeopatia é atualmente uma coisa distinta do que se chamava outrora a medicina. (...) Esta distinção é fácil, é natural; não é aparente, mas profunda. Ambas elas, com efeito, não são somente distintas, mas inteiramente opostas, tanto em teoria como em prática, e não conheço no mundo, tanto moral como material, um exemplo único de antagonismo tão completo como o que existe entre homeopatia e a alopatia. A comparação da luz e das trevas seria fraca. (...) São duas quantidades inconciliáveis, incomensuráveis e incompatíveis”* (Mure, em Galhardo, op. cit., página 471).

MURE DESCOBERTO AO PÚBLICO

Os ataques são cada vez mais fortes, seus adversários fecham o cerco, desafiando Mure a apresentar ao público seu diploma de medicina. No dia 24 de janeiro de 1848, Maximiano de Carvalho insere no Jornal do Comércio: *“M. Mure não foi nem é médico homeopata, nem alopata, mas negociante de fitas, telas e brocados em Lion, donde é natural. Teríamos guardado silencio a este respeito se M. Mure não nos tivesse agredido injustamente só porque não foi admitido na academia médico-homeopática do Brasil. Saiba, pois, o público que M. Mure não é, nem nunca foi médico homeopata; que Mure pertence ao comércio, e a homeopatia à razão médica: não se queira ele, pois, com a sua farisaica dedicação, confundir-se com a santa causa da homeopatia, porque são coisas profundamente distintas; e então nós, em nome do nosso grande mestre Samuel Hahnemann, lhe lançaríamos o anátema”* (Maximiano Marques de Carvalho, em Galhardo, 1928, op. cit., página 475).

Como se vê, Mure é praticamente excomungado da homeopatia, porque sendo a homeopatia uma atividade exercida por médicos, Mure não sendo médico, não poderia exercê-la. Entretanto, quem esperava que se defendesse Mure apresentando seu diploma de médico, surpreendeu-se com sua resposta: *“Não dou meu título alopático por nenhum outro dos senhores da academia alo-homeopática, nem por qualquer outro. É verdade que para mim ele não é senão um pretexto legal para exercer e propagar a homeopatia. Eu olho a minha ciência como muito superior ao meu diploma”* (Mure, em Galhardo, op. cit., páginas 476/7).

Permita-me o leitor, mais uma digressão (prometo que será a última) para lançar luz sobre essa questão: afinal Mure formou-se em medicina? Há controvérsia sobre esse assunto. Vejamos o que diz Lore Fortes, citando, Balzli e Tischner: *“Não se pode afirmar seguramente se ele obteve um diploma da Faculdade de Medicina de Montpellier. Para Balzli, que se dedicou a escrever uma bibliografia detalhada de Mure, o seu Doutorado em Medicina permanece uma questão não esclarecida:*

“Como Mure obteve o seu título de Doutor e se ele realmente estudou medicina, isto infelizmente não se pode averiguar. Mas também não posso afirmar que ele tenha sido um autodidata. No tomo 8 (1849) do “British Journal of Homeopathy” existe um pequeno relato sobre a vida de Mure e a sua obra “Doutrina da Escola do Rio de Janeiro e Patogenesia Brasileira”. Aí consta que estudou em Montpellier, mas não pude descobrir em que ano ele concluiu supostamente seus estudos. Tal como conheço sua história de vida, ele não teve tempo suficiente para se deter em uma universidade. A questão, se ele era um prático popular ou um médico, terá que permanecer aberta”. (Balzli, 1929: 260). Semelhante é a opinião de Tischner: “Se Mure era médico, é duvidoso, mas sua prática teve sempre cobertura de médicos” (Tischner, 1939, IV: 727).

CONVIDADO A SE RETIRAR

Mure está cada vez mais isolado, seus adversários conseguiram com que ele se tornasse pólo de atração negativo, contaminando todos que dele se aproximassem. Sempre através de Maximiano da Carvalho lançam o ataque final, no Jornal do Comércio de 31 de janeiro de 1848: *“M. Mure é perigoso junto de um doente, porque não sabe capitular uma moléstia. O sistema médico de nosso ilustre mestre Hahnemann será estudado e não assaltado. A homeopatia será purificada e nacionalizada no Brasil. Os médicos brasileiros serão desafrontados; o negociante de Lião corrido desaparecerá da terra de Santa Cruz”* (Maximiano de Carvalho, em Galhardo, 1928, op. cit., página 478).

Com tantos ataques, Mure acusa os golpes, dando sinais de desânimo numa carta à Martins que estava na Bahia propagando a homeopatia, pedindo o retorno do amigo: *“Entretanto os trabalhos do Instituto Homeopático do Brasil sofriam alguma quebra. O consultório gratuito, que eu tinha entregado ao Dr. Moreira tão cheio de vida, achou-se um dia moribundo. Mandou-me ele a sua demissão, e neste dia já não havia um só doente na consulta gratuita, quando no princípio do ano continuaram, a aparecer 50, 60 até 80 doentes por dia. Tratei imediatamente de reparar este golpe; apesar de minha pouca saúde, achei forças para dar eu mesmo*

as consultas, e em menos de um mês estava tudo sanado. Rio, 10 de fevereiro de 1848. Dr. B. Mure” (Mure, em Galhardo, 1928, op. cit., página 480).

PEDIDO DE EXONERAÇÃO

Os adversários pediam-lhe a cabeça. Tão logo retornou Martins da Bahia, o Instituto Homeopático do Brasil reuniu-se extraordinariamente no dia 13 de março de 1848, às 5 horas da tarde, para ouvir seus relatos sobre a propaganda em Salvador. Aberta a sessão foi lido o expediente que constou de dois ofícios, um de Mure, que, alegando não lhe permitir seu estado de saúde continuar no exercício das funções de diretor da Escola de Homeopatia, pedia ao Instituto que lhe concedesse demissão desse cargo; e o outro de A. Ackermann, que, alegando razões várias, declarava não poder continuar a exercer o cargo de secretário da referida escola, pedia igualmente demissão do aludido cargo.

Examinadas as razões alegadas em cada um dos ofícios e levando em consideração as dificuldades em que se encontrava a Escola no desempenho das obrigações contraídas para com o país, em vista de haver obtido do governo a necessária autorização para continuar seus trabalhos e conferir certificados de estudos, o Instituto tomou a deliberação abaixo, unanimemente aprovada e sob proposta de João Vicente Martins:

“O Instituto Homeopático do Brasil para manter sua dignidade, e ao mesmo tempo conciliar com ela os interesses da ciência e cuja propagação foi destinado, mantém e sustenta a nomeação que havia feito de diretor da Escola de Homeopatia do Brasil na pessoa do Sr. Dr. Bento Mure, e de secretário da mesma Escola na pessoa do Sr. E. T. Ackermann; e atendendo as razões que alegam os referidos Dr. Mure e Ackermann, concede-lhes as demissões que pedem dos seus respectivos cargos de diretor e secretário da referida escola, louvando-lhes o seu procedimento e a dignidade com que sempre zelaram as prerrogativas do Instituto Homeopático do Brasil” (Ata de reunião do Instituto Homeopático do Brasil, em Galhardo, op. cit., páginas 503/4).

Nessa mesma reunião, por deliberação unânime entre os presentes, foi concedido a Mure o título de diretor presidente perpétuo do Instituto Homeopático do Brasil, deixando-lhe as portas abertas para retornar a direção da escola, quando lhe conviesse.

DESPEDIDA

No Jornal do Comércio de 8 de abril de 1848, Mure já decidido a partir do Brasil, publica um artigo a guisa de se despedir no qual nas entrelinhas deduz-se os reais motivos de sua partida: *“Deteriorada a minha saúde pelo clima e por sete anos de trabalho não interrompido no Brasil, sinto absoluta necessidade de fazer uma pequena viagem que não deverá exceder de seis meses. Em vão quis lutar contra a causa que me alterava tanto a saúde, e a queda horrível que dei nos princípios de janeiro, pareceu marcar o termo fatal que eu não devia exceder. Eu reconheço nesse acontecimento o sinal de que os meus serviços já não eram tão imediatamente necessários à causa homeopática no Brasil. (...) A posição atual da homeopatia no Brasil não tem igual em nenhuma parte do velho continente”* (Mure, em Galhardo, 1928, op. cit., página 508).

No dia 13 de abril de 1848, sete anos, quatro meses e vinte e três dias depois de sua chegada, a bordo da barca francesa – Girande – transpunha a barra do Rio de Janeiro, em demanda do continente europeu, Benoît Mure, partiu para não mais voltar deixando a homeopatia brasileira sem aquele que talvez tenha sido seu maior divulgador.

CONCLUSÃO

“Uma árvore se reconhece pelos frutos”.

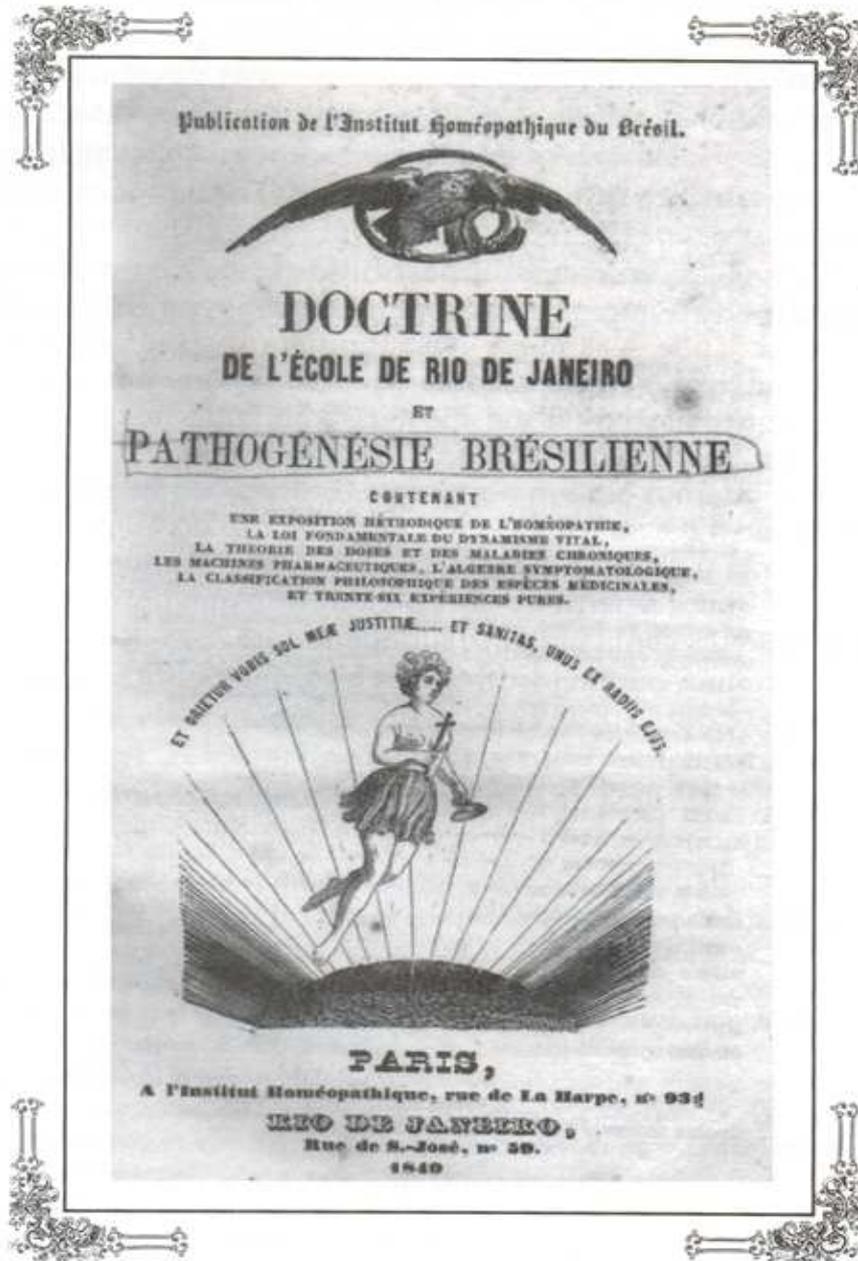
Adágio popular

Muitas podem ser as opiniões sobre o personagem dessa história. Para alguns, Mure foi controverso, para outros, foi um gênio, um utópico, um ativista, enfim, qualquer que seja a opinião, não se pode deixar de reconhecer sua importância como introdutor da homeopatia no Brasil, como sobejamente demonstrado nesse trabalho.

Quando aproximamos a lente sobre a vida de uma pessoa, revelamos seus acertos e erros, ou seja, a dimensão humana que há em cada um de nós. Devemos ter o cuidado de reconhecer que os erros não invalidam os acertos, assim como, os acertos não transformam o personagem num herói.

Mure lançou as sementes da árvore da homeopatia em nossa terra, gerações de homeopatas cuidaram da planta, e a árvore cresceu e deu frutos. Cabe aos atuais e vindouros homeopatas continuarem a cuidar da árvore, para que seus frutos sejam sempre os melhores possíveis.

Assim como o fez Mure.



Frontispício da "Pathogenesie Brésillienne" de Mure.

FIGURA 7

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FARIA, Fernando Antonio. *Querelas Brasileiras: Homeopatia e política imperial*. Rio de Janeiro. Notrya, 1994.
2. FORTES, Lore. *A Institucionalização da Homeopatia no Brasil e na Alemanha: Uma análise sociológica dos conflitos e convergências entre os seus agentes*. Brasília, 2000 (Tese de doutorado apresentada na Universidade de Brasília. Outubro de 2000).
3. GALHARDO José Emygdio Rodrigues. *Livro do 1º Congresso Brasileiro de Homeopatia: História da Homeopatia, no Brasil*. Rio de Janeiro. Instituto Hahnemanniano do Brasil, 1928 (Tese apresentada ao 1º Congresso Brasileiro de Homeopatia no Rio de Janeiro-RJ, em 1926).
4. LUZ, Madel Therezinha. *A arte de curar versus a ciência das doenças: história social da homeopatia no Brasil*. São Paulo. Dynamis Editorial. 1996 (figura 5 e 6, iconografia).
5. MURE, Benoît-Jules. *Dedicatória a João Vicente Martins in Patogenesia brasileira e doutrina da escola do Rio de Janeiro*. Paris. 1849. in Revista Brasileira de Homeopatia 1 (1): 12-13, 1991.
6. MURE, Benoit-Jules. *Patogenesia brasileira e Doutrina da Escola do Rio de Janeiro*. São Paulo. Roca, 1999.
7. NOVAES, Ricardo Lafetá. *O tempo e a ordem: sobre a homeopatia*. São Paulo. Cortez, 1989.
8. PETITFILS, Jean-Christian. *Os socialismos utópicos*. Círculo do Livro S.A. São Paulo. 1977.

9. PORTO, Ângela de Araujo. *A assistência médica aos escravos no Rio de Janeiro: o tratamento homeopático*. In Revista de Homeopatia. V. 54 – nº 3 – jul. ago. set. 1989.
10. ROSENBAUM, Paulo. *Homeopatia e Vitalismo: um ensaio a cerca da animação da vida*. São Paulo: Robe Editorial, 1996 (figura 1, página 116; e figura 7, página 160).
11. ROSENBAUM, Paulo. *Miasmas: saúde e enfermidade na prática clínica homeopática*. São Paulo. Rocca, 1998 (figura 2, página 87).
12. ROSENBAUM, Paulo. *Entre arte e ciência: fundamentos hermenêuticos da medicina homeopática*. São Paulo: Hucitec, 2006 (figuras 3 e 4, iconografia).
13. SILVEIRA, Gláucia Regina. *Utopia e Cura: A Homeopatia no Brasil Imperial (1840-1854)*. Campinas-SP, 1997 (Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas).
14. THIAGO, RAQUEL. *Fourier: esperança e utopia na Península do Saí*. Florianópolis. Ed. da UFSC, 1995.